

João
Seixas



They sell
souls, you know...

Título: They Sell Souls, You Know...

Autor: João Seixas

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: Miguel Pinto

Publicado originalmente em: DN Jovem Online (1997)

Outras publicações:
E-nigma Light, 2002

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição n.º: NE-13/2004

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em www.ficcao.online.pt/E-nigma

Olhei com verdadeira adoração para a língua húmida entre os dedos grossos, cobertos de lixo e porcaria. Os dedos eram de Martin Caiden, grande amigo meu... mas a língua era minha, humilde narrador desta história.

Os olhos de Martin olhavam com igual adoração para o pedaço de carne outrora vicejante. Apercebi-me com tristeza de que começava a secar, os tecidos a retraírem e a morrer e que a humidade que lhe arrancava brilhos de vida se devia mais ao formaldeído do que à sua humidade natural. Não duraria muito mais, isso era evidente, se eu não conseguisse que ma reimplantassem nos próximos dias.

Martin também o sabia e, por isso, olhava para ela com avidez. Ainda podia render um bom dinheiro no mercado e, ao fim e ao cabo, era quase certo que eu não a conseguiria reimplantar. Eu próprio tinha conhecimento disso e apenas a guardava porque era minha. Minha! E de mais ninguém! Senti os olhos marejarem-se-me de lágrimas, como acontecia sempre que olhava para a minha língua. Lutara muito por ela. Tinham-na tentado arrancar uma noite em que eu dormia debaixo da velha ponte metálica. Mas alguma coisa correu mal com o anestésico — parece que estão a cortar no orçamento — e eu acordei durante a operação de sutura.

Deus, como eu gritei! Oh, se gritei. Como nunca nenhum humano devia ser obrigado a gritar. Diabos, como nenhuma criatura devia ser obrigada a gritar! Mas gritei. E mordi. Mordi com tanta força que fiquei com três dedos cobertos de borraça fina na minha boca, sem saber se o sangue que corria pelo meu queixo era meu ou do maldito enfermeiro.

Mas lutei pela minha língua e tenho o direito de ficar com ela.

— Porque não a vendes? — Perguntou Martin, os seus olhos brilhando de cobiça. — Ainda podias ganhar uns cobres valentes. Se não a vendes depressa...

Não acabou a sua afirmação, mas também não era necessário: os meus guinchos e o meu olhar assustado tornaram bem clara a minha vontade. Era minha e eu ia ficar

com ela.

Martin lançou-lhe um último olhar pesaroso, chorando interiormente as moedas que poderia arrecadar, e voltou a colocar a minha língua no seu leito de formoldeído dentro da caixinha de Petri. Inclinei um pouco o corpo de forma a permitir-lhe meter-me a caixa no bolso do colete imundo.

— Vou andando, meu velho... — Disse Martin limpando os dedos nos farrapos de ganga que lhe envolviam as pernas amputadas. — Pensa bem nisso... Amanhã ainda dá bom dinheiro, e tu deixare-la morrer assim...

Voltei a guinchar como um animal assustado e Martin encolheu os ombros.

— Bom, até amanhã! — O desânimo na sua voz e nos seus gestos era evidente. Começou a afastar-se, empurrando o carrinho de madeira com ambas as mãos, os dois blocos de plástico arrancando um *tlac tlac* monótono do piso de betão.

‘Espero que amanhã acordes sem braços...’, pensei, vendo-o afastar-se. Mas Martin tinha demasiada sorte para que tal lhe acontecesse. No dia seguinte, como todos os dias, ali estaria, sorridente e ganancioso, para me retirar a caixinha do bolso e me mostrar a minha língua.

Era realmente estúpido guardar aquele pedaço de carne (aquele pedaço de mim!) e deixá-lo morrer enquanto podia ainda ganhar algum dinheiro no mercado. Afinal, não me podia dar a demasiados luxos quando nem sequer uma refeição diária tinha garantida. Mas era como se, enquanto tivesse aquela língua, enquanto a pudesse ver todos os dias — nem que fosse a morrer — poderia ter a certeza de que estava vivo.

Embora houvesse dias em que não tinha a certeza de que isso seria um grande conforto...

Comecei a arrastar também a minha plataforma móvel. Não com tanta elegância como Martin, mas não me podia queixar, já que ele tinha braços... e eu não! Vale-me o meu engenho e as mãos dos outros. Enfim... um simples sistema de rodas dentadas, algumas molas e um cabo de terylene e aí está um carrinho que posso comandar com os dentes. Basta-me agarrar o punho de borracha que envolve o cabo, flectir os peitorais, e puxar o corpo para trás. Um, dois... Um, dois.... O cabo faz mover as rodas dentadas e as rodas dentadas movem as rodas de madeira e o carrinho desliza — com alguma dificuldade, é certo, mas quem se pode queixar na minha situação?

Mas tive motivo de queixa da primeira vez que o experimentei. Custou-me dois dentes. Os dois da frente. Outros dois ainda abanam desde essa altura. O sangue que me empapou a boca ainda está na minha camisa de flanela. Mas já não se vê: o sangue da minha língua tapou-o.

De qualquer das formas lá me consigo arrastar para onde quero, embora aproveite esta oportunidade para lhe pedir desculpa pelo meu aspecto se um dia se cruzar comigo. Algumas moedas também serão bem vindas. Sou um homem alto, de cabelo preto, embora o facto de já não ter pernas não o permita notar. Mas reconhece-me facilmente: estou sempre na esquina da Tolland com a Dylan e visto uma camisa de flanela vermelha. Todos me reconhecem. Pelo menos é isso que eu espero.

Foi isso que eu pedi que dissessem a Carys... Minha Carys...

Todos os dias espero que ela apareça por ali. Que os seus braços macios me abracem e a sua voz meiga me sussurre ao ouvido: ‘Vamos para casa... Vou cuidar de ti’, enquanto eu me embriago com o seu perfume a flores silvestres.

E todos os dias procuro por ela na multidão, esperando ver a mais bela mulher do mundo tapando os seus olhos claros com a mão pequena, procurando um aleijado com uma camisa de flanela vermelha na esquina da Tolland com a Dylan.

Foi o que pedi para lhe dizerem: ‘Estou vivo... Não morri...’

Na verdade não espero muito que ela venha por causa disso. Nem eu acredito muito que esteja vivo. E, mesmo que hoje seja um bom dia e eu me sinta falador, quem me garante que amanhã não me encontram com a garganta cortada e sem a minha língua? Martin era bem capaz disso.

De qualquer forma todos os dias me arrasto até à minha esquina, estaciono o meu carrinho e estendo a mão (por assim dizer) em busca de algumas moedas que caiam de um bolso mais generoso. Corro os meus olhos pela multidão e agradeço o facto de me terem deixado os olhos. E algo mais...

Quando olho para toda aquela gente que passa pela minha mão estendida, elegantemente vestida de porcaria e de miséria, fico contente por ainda ter algo que eles não têm: a minha alma. Sim, eu ainda tenho a minha alma, e isso eles ainda não me podem tirar.

Mas tive que pagar um preço muito alto por ela. Muito, muito alto.

Tive que dar os meus braços e as minhas pernas. E o meu pénis. Tive que dar um rim, e os meus dentes da frente. E a minha língua...

Mais ainda do que isso: tive que dar a minha vida, a minha carreira, a minha casa, o meu doutoramento e o meu ordenado de \$300.000/ano. Tive que dar a minha Carys... desculpem se choro agora.

Por isso ainda tenho a minha alma. Embora às vezes me questione sobre se realmente fiz um bom negócio... Sei que o fiz... pelo menos era a única hipótese que tinha. Mas, quando olho para todos aqueles que se cruzam comigo, ostentando com soberba os seus membros novos, os seus braços fortes e as suas pernas musculosas, os seus rins perfeitamente funcionais e os seus intestinos que lhes permitem sorrir sem se ver toda a porcaria que ocultam, e penso... me pergunto quantos deles teriam feito o mesmo que eu....

Rio-me deles.... É engraçado como podemos fazer o que queremos na situação em que eu me encontro. Nenhum deles tem coragem para admitir que nos vê. Seria muito difícil poderem olhar para nós, para a factura que é paga pelos seus corpos perfeitamente funcionais. Qual deles teria coragem de olhar directamente nos meus olhos pensando que o rim que lhe puseram a semana passada podia ser meu?

Mas foi esse o preço que paguei pela minha alma e sei que muito poucos o aceitariam pagar. Sobretudo sabendo que não ia adiantar nada... Sabendo que a máquina não ia parar só porque um dos parafusos se ia soltar.

Lembro-me perfeitamente das palavras de Mr K., sentado por detrás da sua ampla secretária impecavelmente limpa, do seu mundo completamente asséptico, a olhar para o jovem engenheiro idealista que é agora o vosso narrador:

— Por favor, Danny... Pensa nisto como sendo fruto dos condicionalismos do mercado. O mundo está sobrepovoado e a economia não suporta mais ninguém. Os vagabundos crescem de dia para dia e aquelas pessoas que realmente contam, que participam nas rodas do mercado, envelhecem e apodrecem. Não esperas ser tu a parar a máquina, pois não?

Não. Como podia eu parar uma máquina como aquela? Quando havia tantas pessoas doentes e tantos vagabundos inúteis? Quando as técnicas desenvolvidas pelo nosso laboratório permitiam qualquer tipo de transplante? Quando os vagabundos

eram um mercado de abastecimento tão amplo?

Como podia alguém parar aquela máquina?

Muito menos um vagabundo como eu. Pelo menos depois de me desconstruírem a vida tal como me desconstruíram o corpo. O meu sogro, o meu adorável sogro Mr. K. nunca permitiria que eu pudesse parar a máquina. Porque ele sabia que eu podia parar a máquina. Pelo menos Carys podia parar a máquina.

Carys... se ao menos ela aparecesse por aqui...

— Danny! Hei, Danny!

Voltei-me para onde me chamavam. Não era Carys. Eu sabia-o antes de me voltar. Não era a voz de Carys, mas quando desejámos muito uma coisa...

Era Gutty que se arrastava para mim. Eu nunca consegui perceber como ele sabia que eu estava ali. Mas, enfim, eu estava sempre ali.

Gutty era cego. Tinham-lhe levado os olhos. Os dois. Mas, apesar disso, era um felizardo que eu invejava: tinham-lhe deixado ficar um dos braços!

Cacarejei alguns sons imperceptíveis em resposta e, guiado por eles, veio pôr-se ao meu lado.

— Ei, Danny... Sabes o que se diz por aí? Vão acabar com isto. Vão acabar com esta merda toda!

‘Sente-lhe o cheiro, Gutty! Ainda está fresca!’ Era um optimista este rapaz.

— Não Danny, a sério! Desta vez é de vez! Já corre palavra entre os rapazes. Andam a matar-nos! Ouviste, Danny? A matar-nos! Ah... Ah... Vão acabar com isto tudo...

E afastou-se, gritando a sua Boa Nova, dirigindo-se para a próxima esquina, a de Martin.

Vi-o a afastar-se. A história não era nova. De tempos em tempos, quando as coisas ficavam piores, corriam boatos de brigadas de extermínio que acabavam connosco. Para nós era como anunciar a segunda vinda de Cristo ou uma noitada com a Me-retriz da Babilónia (pelo menos para quem ainda podia).

Mas talvez desta vez fosse verdade... Talvez...

Havia umas noites atrás, eu próprio tinha visto um grupo ‘deles’ em volta do velho Abraham Jacob, as suas batas brancas a flutuarem como fantasmas entre a névoa

do rio. Não conseguia ver muito bem e a neblina transformava as luzes brancas num borrão indistinto, mas estavam a usar uma técnica que eu não conhecia. E o velho Abraham não tinha nada que valesse a pena levar... a não ser que a cirrose estivesse a ser objecto de procura...

A verdade é que ninguém voltou a ver o velho.

Talvez desta vez fosse verdade... Há tanto tempo que se falava disso... Talvez desta vez se tornasse realmente incomportável, mesmo a nível da economia paralela, manter tantos pedintes, tantos vagabundos. Isso podia explicar que finalmente tivessem decidido começar...

Talvez por isso Carys não vinha... Talvez fosse melhor assim...

Engolir as lágrimas e esperar por melhores dias. Olhei para o céu. Estava obscenamente azul, de um azul magnífico, um azul de dias felizes...

Por baixo dele centenas de pessoas calcorreavam as ruas, alimentando a máquina que fazia o mundo girar no seu périplo infindável. Corri os olhos por elas, constatando que realmente não lhes sentiria a falta. Não de todas, pelo menos.

Conseguiam manter um aspecto invejável durante aqueles estranhos dias. A moda era ousada porque a matéria-prima era abundante. Alguns deles davam-se ao luxo de mandar implantar dois braços direitos apesar dos problemas motores e de coordenação que isso trazia a nível do córtex cerebral; outros implantavam um braço de cada cor como forma de afirmação anti-xenófoba.

No fundo, era divertido ver o desfile de todas aquelas criaturas que nos ignoravam. Era como estar invisível no quarto de um casal em noite de núpcias. Era uma forma tão íntima de impessoalidade.

Mas ali estava alguém que eu conhecia. Expressi-me mal. Alguém de quem eu conheço uma parte: aquele braço forte e bem tratado. Vêem aquele braço esguio — perdoem-me a imodéstia: atlético? Se repararem bem, verão que leva agarrado a ele uma mão. Nessa mão, no anelar, encontra-se uma aliança que está tão apertada que ninguém será capaz de a tirar sem cortar o dedo fora. Pois bem, se eu for merecedor do vosso crédito, deverão ter como certo que no interior dessa aliança se encontram gravadas as seguintes palavras: ‘Danny e Carys — Amor Eterno’.

É desnecessário dizer que aquele é o meu braço. Um dos meus braços. Um dos

braços que me levaram em troca da alma. O filho da puta a passear com o meu braço...

Sem me conter agarrei a correia com os dentes. Com a atrapalhão deixei que o cabo deslizesse pelas minhas gengivas nuas fazendo-me guinchar de forma estridente, como se adivinhasse tudo o que ia acontecer nos minutos seguintes.

O melhor que pude, comecei a contrair o corpo, puxando o cabo, puxando o carro, sentindo o meu próprio sangue encher-me mais uma vez a boca.

O homem apenas se apercebeu de que eu me dirigia para ele quando já me encontrava à sua beira e, antes que pudesse fazer fosse o que fosse, já eu me impulsionei contra ele, abocanhando a mão com a minha aliança, chorando e guinchando que aquele braço era meu e que eu o queria de volta.

O homem começou a gritar sentindo os meus poucos dentes enterrarem-se na sua (minha) carne. Outros gritos se lhe juntaram e eu mordia o mais fortemente que podia, procurando pelo menos arrancar-lhe aquele dedo. O meu dedo.

Ele apercebeu-se da minha intenção, ou deve ter-se apercebido, pois os seus olhos acenderam-se com um brilho verdadeiramente irracional e ele começou a bater-me com a outra mão na cabeça e a pontapear-me no estômago, até que eu me dobrei um pouco e ele me pôde empurrar com o pé.

Imediatamente o meu carrinho começou a rolar descontrolado para trás, aproveitando a inclinação da rua para ganhar velocidade. Eu continuava a guinchar como um animal ferido. E esses guinchos eram o meu grito de raiva, o grito que a minha boca sem língua podia formar... sem a língua que podia estar agora numa boca como a daquele sacana que olhava pasmado para a sua mão ensanguentada.

Não podia fazer grande coisa para travar o ímpeto do meu carrinho, a não ser virar-me de lado, fazendo-o tombar. Não é coisa muito difícil para quem tem o centro de gravidade tão incerto como o meu.

O carro voltou-se de imediato fazendo brotar um jardim de faíscas azuladas da pedra quente. O meu corpo mutilado rodou violentamente durante alguns metros, como um saco com o conteúdo compactado. Por fim detive-me, chorando de raiva e de humilhação, chorando de impotência, vendo-me reduzido a rastejar como um insecto se quisesse voltar para o carrinho sem ajuda. E era evidente que ninguém me ia

ajudar.

O mais determinadamente que podia, comecei a arrastar-me de volta para o carro. Não sei se alguma vez estiveram nesta situação, mas quando virem alguém a arrastar-se como eu, por favor, ajudem-no. Deitado de barriga no chão, a avançar com contracções do corpo, todas as coisas nos parecem muito maiores e muito mais distantes. Como se fossemos vermes num mundo de deuses indiferentes.

As pessoas continuavam a caminhar à minha volta, como se não me vissem, os seus passos ecoando como trovões aos meus ouvidos. Temia, irracionalmente, ser pisado por um daqueles pés enormes que me reduzisse a uma polpa acinzentada. Comecei a chorar e, nunca tanto como nessa altura, amaldiçoei a hora em que troquei a minha alma pela vida deles.

Metro a metro, arrastei-me com determinação. Até que o vi. Algo que eu nunca vira daquela perspectiva. Um caracol. Um caracol torturado pelo calor que se arrastava para a sarjeta húmida, deixando atrás de si um ténue rasto viscoso que o sol inclemente imediatamente apagava. Um caracol que — e é tão ridículo ter pensado nisto — um caracol que avançava mais depressa do que eu, alheio à ameaça que representavam todas aquelas dezenas de pés em movimento.

Um caracol que se abrigava na minha proximidade, como se soubesse que aqueles gigantes não me pisariam, apesar do terror que eu sentia de vir a ser pisado.

Acho que nunca na minha existência descí tão baixo. Nunca ao ponto de me impulsionar por sobre o pequeno molusco, derramando a minha sombra aterradora sobre ele. Para depois abocanhar com os lábios, abrindo a boca, deixando-o escorregar para sob a cremalheira trituradora dos meus dentes.

Senti um nojo indescritível quando os meus dentes destroçaram a frágil carapaça e o seu corpo mole se desfez na minha boca sem língua que não o podia cuspir.

E, nessa altura, alguém me começou a pontapear violentamente na ilharga com sapatos de ponta afiada. Comecei a gemer, guinchando, enquanto o espancamento continuava e eu ouvia uma voz de mulher a gritar:

— Homem nojento... Imundo... Homem nojento... — E eu apercebi-me de que quem gritava era uma mulher jovem que chorava copiosamente enquanto me batia, gritando:

— Homem nojento... — Mas não me batia por nojo, por ódio ou por desprezo. E isso foi o que me doeu mais: batia-me porque eu a desiludira, porque o seu vazio era tão devorador como o meu e ela não tinha o meu cinismo para se proteger. E chorava, desesperada: — Homem nojento... Como pôde dizer que o meu Danny estava vivo... que o meu Danny estava aqui...

E cada palavra dela cortava-me como um punhal afiado e eu chorava, querendo gritar, querendo morrer. Não sentia as suas pancadas. Apenas as suas palavras e o peso das sobras de um corpo demasiado pequeno para conter a dor que me torturava a alma.

Deixei-me estar caído, desejando que ela conseguisse apagar a sua dor de alguma forma porque, depois daquele dia, ninguém conseguiria apagar a minha.

Um homem que eu não vi arrastou-a gentilmente para uma limousine, os seus soluços a afastarem— se lentamente, a sua recordação a morder-me a alma como dentes afiados.

Uma mão forte prendeu-me os cabelos levantando-me a cabeça do chão. Através de uma turva cortina de lágrimas vi o rosto de Mr. K. crescer para o meu. A sua voz sentenciou, sibilante:

— Uma vergonha! Ao menos tenha a decência de morrer silenciosamente!

Largou-me os cabelos gordurosos deixando que a minha cabeça batesse violentamente no chão de pedra. Ouvi os seus passos afastarem-se decididos, deixando para trás o farrapo em que o brilhante Danny Silverberg se tinha transformado. O farrapo sujo, desdentado e coberto de sangue que esperava que Carys reconhecesse e levasse para casa. ‘Oh, Deus...’

A partir daquele dia já não valia a pena esperar por Carys. Já não valia a pena continuar a imaginar cenários idílicos em que seria recolhido e todos os meus órgãos me seriam devolvidos. Já nada havia a esperar.

E que sentido tem a vida quando não se espera algo...?

Deixei-me estar deitado como um verme, até me sentir capaz de me arrastar para o carrinho. Depois arrastei-me para o meu buraco sob a ponte metálica, esperando a visita dos homens de branco.

Sabia que nessa noite haviam de vir por mim. Mas não vinham para me matar.

Oh, não!

Eu sabia que eles não teriam o trabalho de matar quem quer que fosse. Eu trabalhei no Laboratório! E, para matar, é preciso ser Humano!

Mas eles viriam. Oh, sim, eles viriam. Mas porque tinham descoberto a maneira de arrancar a um homem tudo o que ele possui.

É que eles também vendem almas!